

O CONTO E O NARRADO DA HISTÓRIA

Leonardo Bruno Farias*

A Memória construiu ao longo de eras os mecanismos para fazer lembrar, as histórias surgiram como um desses mecanismos encontrados para isso e até para criar novas lembranças. A História nasceu da necessidade de sistematizar melhor os mesmos mecanismos. As novas tecnologias de linguagem que surgem aos borbotões na *práxis* humana vêm ajudá-las, tanto a Memória quanto a História, no seu desenrolar e dentro dessas novas tecnologias, destacamos o conto, por suas características peculiares, por tratar-se de uma narrativa pouco extensa, concisa, e que contém unidade dramática, concentrando-se a ação num único ponto de interesse, e eis que surge aquele que lhe será manipulador ideal – o narrador/historiador – que executa o resultado desse final desse trabalho. Busco problematizar como o Conto pode ser levado a sério pelo ensino de História dentro da metodologia aplicada à problematização de documentos históricos e a construção de uma escrita da História.

Palavras-chaves: Ensino de História – Metodologia – Conto – Narrativa

* Universidade Aberta Vida Campina Grande – UNAVIDA / UVA-CG

Desde a Antigüidade o homem, situado na sociedade em que estava, utilizou-se da oralidade para passar as impressões sobre o seu mundo público e até do privado. Não é difícil encontrar nas mais diversas culturas os traços desse método que é essencial da capacidade humana de verbalizar suas experiências passadas e cotidianas.

Na história humana existiram aqueles que faziam uso da arte de contar histórias, como técnica, utilizando-se dessa arte para ensinar: cultura, ciência, moral, etc., com o intuito de reforçar seus ensinamentos e tornar indelével seus saberes. Encontro em: Heródoto, Tucídides, Sócrates, Platão, Buda, Confúcio, Jesus, Khrisna, entre outros, apenas para demonstrar alguns exemplos, estivessem eles inseridos, ou não, em culturas orais, acrescentavam a técnica ao manejar do conhecimento aplicado. Janice Teodoro¹ explica bem esse modelo de narrativa quando aplicada com o intuito de ensino histórico, traçando as raízes de nossa tradição histórica ocidental a partir da tradição greco-romana, vislumbrando:

“...quais são as bases nas quais está assentada a Cultura Ocidental, o que a história tentou universalizar mediante certa narrativa histórica tanto escrita quanto oral. Que características possui essa narrativa? Questões levantadas por ela quando observo a história de Ulisses, por exemplo, na Guerra de Tróia, encontro ingredientes que fazem parte da maneira como se deve recordar, o que se deve guardar, como é que se faz história. Se o exemplo nos for dado por Heródoto e Tucídides na guerra do Peloponeso, encontro aí todos os elementos que devem ser lembrados para que possa constituir uma HISTÓRIA com sentido. Que elementos básicos se acham presentes, nesses primeiros fundadores dos discursos históricos? O elemento central, que constitui a história, a partir desse momento, é a guerra, a épica, parte integrante desse discurso. Essa narrativa define o que deve ser visto, falado e escrito e o que deve dissolver-se nas lembranças.” (THEODORO, 1998)

As outras personagens levantadas no exemplo acima decorrem de outros exemplos e aplicação dessa narrativa mais ou menos epistemológica.

Por isso, que nesse contexto destaco a presença de homens e mulheres que lhe foram intérpretes, narradores, continuadores (se assim, posso apresentá-los), que, enfim, abarcaram para si a responsabilidade² de passar às futuras gerações seu próprio conhecimento ou de outros que os precederam. Na figura do contador de histórias encontro o responsável por levar

¹ Palestra proferida com o tema *Brasil, quinhentos anos. História, Encontros e Desencontros*. na UNESC em 1998.

² Função social de extrema importância para comunidades orais.

quem o escuta à abrir sua mente e seu coração para um novo dia de descobertas. Tornando, assim, as histórias uma excelente ferramenta para educar e também para ensinar.

Narrar, tornou-se parte essencial do seu desenvolvimento social e cultural, porque para que ele pudesse passar aos outros do seu clã, desde suas aventuras, cultura e conhecimento, tinha que se comunicar de forma, mais ou menos, clara, mas que acima de tudo pudesse dar o “recado”. Seja por curiosidade, ou espírito aventureiro, o homem buscou conhecer, desbravar seu ambiente em derredor e isso lhe trouxe muitas coisas ao seu campo de visão. Imagino o que era voltar para casa, cheio de novidades para contar, às crianças (primeiramente), depois às mulheres que em contrapartida tinham os relatos do dia-a-dia. Nessa necessidade de partilhar tantas coisas, a narrativa vai desempenhar o papel importante como mediador.

Por isso, narrar é parte importante no processo de ensino-aprendizagem e as histórias são de fundamental importância. Dohme (DOHME, 2000:17-21) destaca que as histórias são um “‘Abre-te-Sésamo’ para o imaginário, onde a realidade e a fantasia se sobrepõem” como demonstra Pesavento “entre o real e não-real, porém, com características verossímeis”. (PESAVENTO, 2004: 42)

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... ou ter sentido. “É ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário”, destaca Abramovich (ABRAMOVICH, 1989:17).

Mas as histórias podem ir além do encantamento, quando pesquisadas, estudadas e preparadas adequadamente de forma pedagógica e metodológica, podem ter a função de educar, ensinar. Elas encerram lições de vida, dão contexto às situações, sentimentos e valores que, quando isolados, são difíceis de serem compreendidos. Estas narrações, tão saborosamente recebidas, desencadeiam processos mentais, levarão à formação de conceitos capazes de nortear o desenvolvimento em valores éticos e voltados para a formação da auto-estima, a cooperação social, além de que, quando utilizadas na forma que o conto estabelece com suas características, proporciona as condições necessárias para o público que se quer alcançar com técnicas adequadamente aplicadas.

Assim, “se é afortunado aquele que tem o dom de contar histórias, grandioso será aquele que tem a sensibilidade para perceber como usar esta esplêndida ferramenta educacional” (DOHME, 2000:5).

A impressão que tenho é de que o primeiro sentido dado para a vida pelo homem consistia na sua relação com o mundo que o cercava. Na sua dificuldade de explicar todos os fenômenos que ocorriam ao seu redor, tais como a chuva, o vento, a chegada do dia, da noite, o nascimento das plantas, as rochas, as águas, os animais, enfim, o infinito dentro e fora dele mesmo, ia se apropriando das coisas sem explicações lógicas. O mundo das coisas, dos seres e dos fenômenos fazia parte do evento numinoso,³ somente alcançado por meio de “uma concepção mágica e fantástica da realidade” (CAVALCANTI, 2002:20).

Havia, então, uma necessidade de desenvolver a comunicação para que houvesse condições de comunicação, novas ferramentas de ensino e linguagem. Posso dizer, que quando estou diante do outro, que tem algo a me falar, contar, expor ou narrar, seja como for, estará ele de posse de uma mensagem, um ensinamento, uma reflexão, um pensamento, seja lá o que for, ali estarei à escutá-lo e prestando atenção lhe acatarei, ou não, sua idéia, sua expressão, sua mensagem etc., como o público diante do palco, espera do narrador aquilo que lhe trouxe até ali: sede pelo saber.

Isso só se tornou possível a partir do desenvolvimento de nossa linguagem, primeiramente, não-verbal, após verbalizando nossos sentimentos e expressões diante do mundo que nos cercava. Dando-nos condições, enfim, de transmitir aos nossos e as gerações o nosso modo de ver o mundo, os saberes desenvolvidos no dia-a-dia.

A tarefa do historiador é delicada, pois, tem-se a impressão que ele sabe a resposta de todos os problemas, afinal, ele sabe “toda a história”. Assim, como os contadores de história que tem uma função educacional muito importante e muito forte onde estão situados. O historiador é levado a assumir aquele que terá que ter em maior grau os sentidos: políticos, éticos, morais etc., por ser ele, um representante mais que gabaritado de Clio, e sua função é também registrar com o estilete a história e repassá-la *a posteriori*. Desde Heródoto até os dias atuais, quando a História ganha níveis cada vez mais altos de Ciência, Filosofia, etc., sua função era ter sobre os acontecimentos uma leitura crítica, fosse das fontes escritas ou orais, afinal, a busca era, e sempre foi, a reconstituição dos fatos o mais claramente possível. O estile da história sempre esteve lá, para registrar as descobertas, reflexões, apontamentos,

³ Segundo Rudolf Otto (1869-1927), teólogo e filósofo alemão, o sentimento único vivido na experiência religiosa, a experiência do sagrado, em que se confundem a fascinação, o terror e o aniquilamento.

todavia, muito se registrou em documentos, mas inegavelmente, muito também foi produzido oralmente e, oralmente, foi lançado as gerações posteriores. O que não se escreveu nem se leu, se narrou, se escutou. As funções são as mesmas: não deixar consigo e, apenas consigo, aquilo que se sabe, que se conhece. Contar histórias, ou lê-las, está na mesma medida de peso e importância. Apenas se diferenciam na utilização que se lhes dê. O bom contador de histórias é aquele que nasceu guiado por uma infinita capacidade de doação.

Questiono se todos nascem para serem historiadores, narradores da história, enfim, contadores de histórias. Se esse “dom” é inato ou se ele pode ser adquirido em parcelas módicas? Não preciso ir muito longe para perceber que há os que têm, naturalmente, a capacidade de prender e encantar quem os escuta, tanto nas praças públicas, hortos, salas de aula, mas, também, sei que aqueles que não são portadores do tal dom podem adquirir as técnicas para que em dominando-as possam dá também o tal “recado”.

Hoje, há vários institutos no Brasil que se prontificam a formar da melhor maneira possível os contadores de histórias para abastecer desde escolas (seu principal objetivo, na maioria das vezes) como também empresas pelo país a fora.

Muitas instituições têm-se incumbido de não deixarem morrer a arte de contar histórias e, assim, oferecem os mais variados cursos de formação, nos quais se desenvolvem as técnicas de como narrar histórias. Claro, isso ajuda, principalmente, se pensar que quando alguém se interessa, por tal coisa, é porque de alguma forma já está envolvido pelo desejo de se tornar um contador.

Não poderia traçar aqui quando nasce um contador de histórias, sua própria história se perde no fio do tempo, desde que houvesse um momento propício imagino alguém iniciando um relato e tendo ao seu redor uma platéia nem que fosse de uma pessoa apenas, mas lá estará ele cumprindo o seu papel. Nesse universo da narrativa não nos esqueçamos dos contos de fadas. Eles também permeiam esse universo que apesar de antigo é bastante atual. Embora, eles muitas vezes (erroneamente) façam parte apenas do universo infantil, ainda são visitados por jovens e adultos, que buscam algo, inexplicável para alguns, saudoso para outros, porém, indiscutivelmente, prazeroso para todos.

O conto de fadas se apresenta também como excelentes ferramentas para educar e ensinar. Por meio dos exemplos que as histórias podem conter e que se pode extrair delas é possível trabalhar vários aspectos, tais como:

- Caráter.
- Raciocínio.
- Imaginação.
- Criatividade.
- Senso crítico.
- Disciplina.

Porém, também:

- Política.
- Economia.
- Religião.
- Militarismo.
- Cracia⁴

Além de valores universais que devem permear as atividades humanas e que também estarão contidos nas histórias⁵:

- Alegria.
- Amor.
- Confiança.
- Cooperação.
- Coragem.
- Cortesia.
- Honestidade.
- Igualdade
- Justiça.
- Lealdade.
- Limpeza.
- Misericórdia.
- Paciência.
- Partilha
- Paz.
- Respeito.
- Responsabilidade
- Solicitude.
- Tolerância.

Da grande variedade da produção literária, são as narrativas curtas as mais utilizadas no trabalho de educação e por não cansar muito os que as escutam, já que se sabe que os jovens, principalmente, se mostram resistentes às leituras mais longas. As mais conhecidas são as seguintes:

- **Apólogo** – Narrativa alegórica e moral, em que, geralmente, falam animais ou coisas inanimadas.

- **Conto** - Gênero de prosa de ficção; narrativa concisa com grande tensão dramática. O clímax e o desfecho são os elementos mais importantes. Os contos de fadas acrescentam personagens com poderes extraordinários, ou a participação de seres sobrenaturais.

- **Crônica** - Gênero literário que consiste na apreciação pessoal dos fatos da vida cotidiana. Conjunto de notícias que circulam sobre pessoas: a crônica mundana. Seção de um

⁴ “poder”; “domínio”; “supremacia”; “predomínio e/ou influência (de certo grupo ou elemento)”; “sistema político ou modo de governo”: teocracia democracia, aristocracia.

⁵ Não existindo a pretensão de encontrar uma hierarquia para a classificação dos valores citados, os mesmos se encontram em ordem alfabética.

jornal em que são comentados os fatos, as notícias do dia: crônica política, teatral. A crônica diferencia-se do conto porque focaliza o cotidiano e deixa explícita a apreciação do autor.

- **Fábula** - Pequena narrativa alegórica que sugere uma verdade ou reflexão de ordem moral, com intervenção de pessoas, entidades inanimadas, porém, são os animais os personagens mais freqüentes nesse tipo de texto. O caráter freqüentemente dramático da narrativa, a hábil diversidade do tom e a versátil utilização das rimas fazem de cada fábula uma obra-prima. Quanto à moral, as fábulas aconselham habilidade e prudência num mundo onde os poderosos se dedicam à exploração dos mais fracos.

- **Parábola** - Comparação desenvolvida em pequeno conto, no qual se encerra uma verdade, um ensinamento. Trata-se de uma história curta, cujos elementos são eventos e fatos da vida cotidiana. Esses acontecimentos ilustram uma verdade moral ou espiritual contida na história.

A Literatura tem suas raízes históricas na tradição oral, portanto a oralidade é de grande importância no momento de “entrada” no mundo da leitura. Mas, também, é fundamental perceber que a narrativa oral tem sua representação na escrita e em outras formas de expressão, como nos exemplos acima citados. A palavra oralizada pode ser transformada em escrita, como também em gestos e atitudes, enfim, pode ser representada de maneira plural. Entretanto, em cada forma de comunicação haverá aspectos singulares de representação. Assim, contar histórias é diferente de ler histórias, no aspecto da emoção, da forma, da aplicabilidade, etc.

O leitor pode ser muito facilmente envolvido pelo momento da “contação”, desde que o processo seja bem conduzido. A melhor técnica para narrar histórias de maneira sedutora, prazerosa e envolvente é em primeiro lugar, ser um contador absolutamente apaixonado pelo mundo das histórias. Estar envolvido afetivamente com a narrativa é ponto fundamental. A história tem que ser narrada com paixão, sentimento, entrega, partilha. Sem dúvida existem algumas maneiras de fazer do momento da leitura um espaço de prazer, troca, dinamismo, entrega, descobertas e reflexão.

Embora, durante muito tempo isso tenha sido visto de maneira marginal, até por conta das suas raízes históricas, hoje se tem verificado a redescoberta do contador de histórias, como sendo alguém de fundamental importância, não somente dentro de ambientes artísticos e culturais, mas também nas empresas. Chega-se mesmo a afirmar que um bom líder tem que

ser um bom contador de histórias. Imagine a importância desse pensamento dentro de uma sala de aula, onde há diversas situações convivendo ali, boas e não tão boas, como é a realidade de nossas escolas atualmente.

Evidentemente, é também, na escola que o resgate do contador de história tem surgido com mais força, visto que cada vez mais o espaço escolar tem sido utilizado para a experiência lúdica e afetiva. Assim, muitos professores têm-se tornado contadores de histórias. Contudo, nem sempre o professor tem as características necessárias ao bom narrador e então, em vez de encantar, desencanta, principalmente, por essa ferramenta não ser encarada como ferramenta de ensino, mas apenas como algo que deve ser utilizado para passar o tempo e terminar logo a aula, ou como um prêmio que a turma ganhará no final da aula, se se comportarem bem.

O bom contador de história é alguém que possui o potencial inato, para fazer da palavra o canto mágico das narrativas, e tem um compromisso ético-moral com quem quer que seja e onde quer que esteja. Certamente, aqueles que gostam de contar história e não possuem a “varinha mágica” da palavra, podem se exercitar e aprender algumas técnicas, melhorando, assim, o desempenho. O importante é que se exercite adequadamente para não cometer erros graves e comprometer a qualidade da narrativa, como por exemplo, não conhecer bem a história correndo o risco de esquecer partes principais; não lembrar os nomes das personagens principais; contar rápido demais ou lento demais, apenas para apontar alguns desses problemas.

Contar histórias e a arte de ensinar devem vir impregnados de compromisso, entrega, visão e vontade de sempre aprender. O senso comum a muito já sabe da força que eles têm, cabe agora à Academia também fazê-lo, correndo o risco de estar sempre um passo atrás. Bem, isso é uma outra história...

Referência Bibliográfica:

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo, Scipione, 1989.
- AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997 – Natal: EDUFRN.
- CANEN, Ana. **Sentidos e dilemas do multiculturalismo: desafios curriculares para o novo milênio**. In. **Currículo: Debates contemporâneos**. Alice Casimiro Lopes *et ali*. São Paulo: Cortez, 2002.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivência na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos**. In. Marisa Vorraber Costa (org). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- DAVIS, C. & OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1991.
- DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias**. São Paulo: Informal Editora, 2000.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda e RÓNAI, Paulo. **Mar de Histórias: antologia do conto mundial**. I: das origens ao fim da Idade Média. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- GASPARELLO, Arlette Medeiros. **Construindo um novo currículo de História**. In Sonia M. Leite Nikitiuk (org). **Repensando o ensino de história**. São Paulo: Cortez, 1996.
- HERÓDOTO, **História**. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica, S.A., 1960.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Capinas: UNICAMP, 1992.
- MALERBA, Jurandir. **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto. 2006.
- MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. **A crise da teoria curricular crítica**. In. Marisa Vorraber Costa, (org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- NEVES, Lucilia de Almeida. **Memória, história e sujeito: substratos da identidade**. In. **História Oral** – Revista da Associação Brasileira de História Oral, nº 03, junho de 2000.
- PESAVENTO, Sandra Jatahi. **História e Historia Cultural**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- REIS, José Carlos. **História & Teoria**. Historiscismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

- SANTOS, Roberto Carlos. **História e literatura: Divergências, convergências.** Minas Gerais, 1999, Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal de Urubitinga.
- SKLIAR, Carlos. **A educação que se pergunta pelo outro: e se o outro não estivesse aqui?** In. Alice Casimiro Lopes. *et alii*. **Currículo: Debates contemporâneos.** São Paulo: Cortez, 2002.
- TAHAN, Malba. In. **As mil e uma noites.** [versão de] Antoine Galland; tradução Alberto Diniz. 15ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- TÉTART, Philippe. **Pequena história dos historiadores.** (Trad.) Maria Leonor Loureiro. Bauru-SP: EDUSC, 2000.
- WHITE, Hayden. **Enredo e verdade na escrita da história.** In. Jurandir Malerba (org). **A história escrita: teoria e história da historiografia.** São Paulo: Contexto. 2006.